

Bianca Briones

A
**ESCOLHA
PERFEITA DO**
coração

Um livro da série
BATIDAS PERDIDAS

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

1

Viviane

*We were made for each other
Out here, forever
I know we were
Yeah yeah!*

*All I ever wanted was for you to know
Everything I do I give my heart and soul
I can hardly breathe
I need to feel you here with me.*

— Avril Lavigne, "When You're Gone"*

Amor é uma contradição. A mesma pessoa que pode partir seu coração em mil pedaços é capaz de juntar os estilhaços e fazer você se sentir inteira outra vez.

Durante dois anos, repeti para mim mesma que Rafael e eu deveríamos seguir caminhos separados. E, em uma fração de segundo, ele colocou minha resolução por terra.

Para que ficássemos afastados, coloquei um oceano entre nós, mas como posso permanecer longe estando ao alcance de seu olhar?

Rafael nunca precisou me tocar para que eu o sentisse em mim. O modo como seus olhos penetram nos meus sempre foi mais do que suficiente para eu me entregar.

* "Nós fomos feitos um para o outro/ Aqui, para sempre/ Eu sei que fomos/ Sim, sim/ Eu só quero que você saiba/ Em tudo que eu faço, me entrego de corpo e alma/ Mal posso respirar/ Eu preciso sentir você aqui comigo."

Quando retornei de Londres, não pensei que fôssemos nos ver tão rápido e menos ainda que acabaríamos transando no escritório. Achei que teria mais tempo para me preparar... Ora, não sei quem eu quero enganar. Tive dois anos para isso.

Acho que alguns amores são mesmo para sempre. Eles marcam como tatuagens — doem para fazer e ainda ficam ali, nos lembrando do que queremos esquecer.

Ficar com ele foi mais forte do que eu. O que sinto por Rafael sempre será mais forte do que eu. Isso me apavora. Antes não, mas, com todo o nosso histórico, não posso deixar de ter medo. A sensação me corrói, porque não quero ser a pessoa que vive com medo.

— Eu te amo, porra — ele diz baixinho em meu ouvido, enquanto me abraça forte. Tão forte como se quisesse unir nosso corpo eternamente. Acho que não sou a única com medo aqui.

— Também te amo, Rafa. — Acaricio seu rosto, sentindo a textura da barba sob a ponta dos meus dedos e apreciando o calor conhecido que envolve meu corpo.

Acho que, apesar de toda a insegurança que sentimos agora, o fato é que nos amamos demais. Dá para desistir de uma paixão. Dá para superar um coração partido por um amor de verão. Mas não dá, em hipótese alguma, para esquecer um amor em chamas, que queima a pele e se mistura ao sangue, nos inflamando por dentro.

Mesmo assim, será o amor suficiente? Da última vez, não foi.

— Tudo o que eu disse é verdade. Quero tentar outra vez. Quero casar com você.

— Eu sei — respondo, e ele fica em silêncio, atento ao que eu não disse.

Procuo as palavras em minha mente. Quero dizer algo certo, mas não consigo. A adrenalina do reencontro está baixando e o pavor de reviver tudo que passamos volta a me consumir.

A dor nos aproximou, a dor nos conectou e a dor nos afastou. Em vários níveis diferentes, ela é parte fundamental do que vivemos. Será que dá para deixar tudo de lado e viver apesar das cicatrizes?

Ou será que, se tentarmos, vamos nos machucar de uma forma ainda mais irremediável?

2

RAFAEL

*Diz pra mim
O que eu já sei
Tenho tanta coisa nova pra contar de mim
Diz pra mim
Sobre você
Que é a hora certa pra recomeçar do fim.*
— Malta, “Diz pra mim”

TIVE A VIDA toda para aprender que é possível ir da euforia extrema ao pavor paralisante. E é exatamente o que estou sentindo agora: um medo do caralho de não conseguir reconquistar a Vivi. Medo. Medo. Medo.

Saber que o que temos é forte não é suficiente para me mostrar como agir. Foi tão fácil da primeira vez, tão natural. Nós nos envolvemos em um piscar de olhos. Por que então está parecendo tão difícil dessa vez?

Porque você foi um filho da puta escroto, Rafael, e nem sempre dá pra consertar as merdas que você faz. O pensamento me assombra, e balanço a cabeça para afastá-lo.

— Rafa — Viviane diz meu nome e se afasta para me olhar.

Pode haver um abismo entre nós agora, mas ela ainda é capaz de reconhecer quando estou me perdendo.

— Eu sei que fiz o contrário quando te vi, mas não quero te pressionar, Vivi. — Coloco a mão em seu rosto e beijo seus lábios devagar.

— Você não fez isso.

Ergo uma sobrancelha e minha cara de safado fica em evidência. Ela ri. Ah, como amo o som dessa risada...

— Idiota. — Ela sorri e morde o lábio inferior, se preparando para me dizer algo. — Eu só acho que devemos ir com calma.

— Isso quer dizer que você não vai pra casa comigo hoje?

— Acho melhor não. Temos muito que conversar ainda.

Não, não concordo. Acho que não vai adiantar nada falar do passado, mas sei que devo isso a ela. Foi assim que me resolvi com todas as pessoas: conversando. Ela merece isso mais do que ninguém.

— Tudo bem. Eu posso esperar.

— Tem certeza?

— Claro. Esperei dois anos. O que é mais um dia? — Ela me encara e estreita os olhos. — Mais dois, três dias? — Ela segue me encarando, e isso me preocupa. — O quê? Isso aí eu aguento. Se for mais, vou ser obrigado a te jogar no ombro e te levar pra casa na marra!

Viviane sorri outra vez, sabendo que eu vou esperar o tempo que ela quiser. Ou não, né? Posso muito bem dar um jeito de deixá-la tão maluca que ela vai é me implorar para jogá-la no ombro.

— Muito bem, você tem três dias, garota.

Afinal, eu ainda sou o Rafa, porra!

3

Viviane

*We were both young
When I first saw you
I close my eyes*

And the flashback starts...

— Taylor Swift, "Love Story"*

Logo em seguida saímos do escritório. Um dos funcionários se aproxima de Rafael e começa a falar sobre um problema no bar.

Percorro o lugar com os olhos até avistar minha prima Fernanda, e faço sinal para Rafael, indicando que vou falar com ela.

Fernanda me abraça assim que me vê. Não há pessoa mais carinhosa no mundo.

— Estou tão feliz por você estar de volta, prima! — ela diz com a voz meio enrolada. — Vai ao banheiro comigo?

— Vou. Também estou feliz por estar de volta — respondo, e ela tropeça. — Quanto você bebeu, Fê?

— Um tiquinho de nada. — Ela faz sinal com os dedos. — É que eu não bebia desde que o Felipe nasceu, há um ano e meio.

Chegamos ao banheiro e a fila está bem grande. Enquanto aguardo, meu celular vibra. É uma mensagem do Bernardo.

* "Nós éramos jovens/ Quando eu te vi pela primeira vez/ Eu fecho meus olhos/ E começo a lembrar..."

Vi o Rafa passar por aqui e não te achei. Tá tudo bem?

Tô no banheiro com a Fê. Mas tá, sim. Onde vc tá?

No bar.

Logo vou praí.

“Blood Sugar Sex Magik”, do Red Hot Chili Peppers, começa a tocar, e, em um instante, volto no tempo, me lembrando da primeira noite que passei com o Rafa. Quando ele tocou meu corpo como se fosse sua guitarra.

Um arrepio me percorre inteira. Como lutar contra um amor que faz parte de cada célula minha? Não há como.

O que posso fazer é lidar com ele aos poucos e pedir a Deus para não me afogar. Não quero me perder de novo em um turbilhão de emoções...

Mas é possível perder batidas de forma controlada? Não creio. Amor é explosão. E não se explode com moderação.

Fernanda sai do banheiro e vamos para o bar. Ela começa a falar animadamente com Branca e Camila. Bernardo se aproxima e toca minha mão devagar. É um gesto discreto, mas muito carinhoso.

Sorrio para ele e assinto. Estou bem. É isso que ele quer saber.

Ele sorri de volta e pede uma bebida para mim. Do outro lado do bar, Rafa conversa com o barman, parecendo não nos notar, mas eu sei que ele está ligado em cada movimento meu e, pelo modo como sua testa se franziu por um instante, está atento ao Bernardo também.

Mais um temor para acrescentar à minha lista: como Rafael e Bernardo vão lidar um com o outro?

Esses dois anos morando juntos me aproximaram muito de Bernardo. É como se fôssemos conectados. Ele é capaz de ver minhas mudanças de humor antes mesmo que eu as perceba. Assim como reconheço até as tristezas que ele quer esconder.

É aquele tipo de amizade em que não é preciso falar muito. Ele sabe. Eu sei. E isso basta. Estamos ali um para o outro e vai ser sempre assim.

Ironicamente, depois do começo turbulento dos dois, Bernardo me apoiou muito a voltar para o Brasil e dar uma chance para Rafael. O que eu não sei é como o Rafa vai lidar com o ciúme que sempre demonstrou sentir do Bernardo.

— E aí, deu? Deu? Deu? Diz que deu! — Branca cantarola em meu ouvido e me viro para ela, rindo.

— Por favor, Branca!

Ela dá um gritinho.

— Seu olhar brilhante diz que deu. Ah, que ótimo! Gosto assim. Melhor se acertar logo com o mestre da paudrecência. Não se deve deixar passar tamanha magnitude — ela diz, jogando os cabelos loiros platinados para trás.

— Ah, Branca, sempre tão pertinente, não é? — Bernardo provoca, bebendo um gole de sua cerveja.

— Por que você não vai até Londres pra ver se eu te perguntei alguma coisa, Bernardo? — ela responde na lata.

Os dois continuam com suas provocações de irmãos, e eu me perco nisso por alguns momentos. Rodrigo fala uma besteira para Lucas, fazendo com que Fernanda e Camila caiam na gargalhada. Lex se aproxima do barman que estava com Rafa, e eles começam a conversar.

Se eu fechar os olhos e me deixar levar, mais uma vez voltarei no tempo. Estamos todos aqui. Depois de passarmos por tanta coisa, estamos todos aqui e ainda estamos juntos.

Sinto o olhar de Rafael em mim. Nós nos encaramos por um longo tempo. Ele me lança um sorriso meio contido e sei que ele está pensando o mesmo que eu.

Mais uma vez, estamos todos juntos.

E, quem sabe, desta vez não dê tudo certo para nós dois?

4

RAFAEL

*The miles are getting longer, it seems
The closer I get to you
I've not always been the best man or friend for you
But your love remains true
And I don't know why
You always seem to give me another try.*
— Chris Daughtry, "Home"*

O PROBLEMA QUE me chamam para resolver no bar é que a mulher de um dos caras entrou em trabalho de parto e ele tem que ir embora.

Não dá para chamar outro barman tão em cima da hora, então, como acontece às vezes, assumo a função que executei por anos.

Isso faz com que eu não possa dar muita atenção à Viviane, já que a balada do Batidas Perdidas é ainda mais movimentada que a do bar onde eu trabalhava quando nos conhecemos. Pois é... Precisávamos de um nome, esse não saía da minha cabeça e é de certa forma uma homenagem ao pai do Rodrigo e da Vivi. Então fechou.

Agora parece que uma força superior está brincando com nossas lembranças.

— Cara, eu posso ficar no bar — Lex diz, se aproximando e tirando dois chopes para um cliente.

* "Parece que as milhas estão ficando mais longas/ Quanto mais me aproximo de você/ Eu nunca fui o melhor homem ou amigo pra você/ Mas seu amor continua verdadeiro/ E eu não sei por que/ Você parece sempre me dar outra chance."

— Tá tranquilo. — Nem dou muita conversa. É melhor que ele não perceba que tem algo acontecendo.

— Não, meu. Vocês acabaram de se reencontrar. Vai lá ficar com ela — ele aponta para Viviane.

— Deixa assim, Lex. — Abaixo sua mão, antes que chame a atenção dela.

— Tá certo. — Ele franze o cenho. — O que tá pegando?

— Nada — respondo. Ele pousa a mão no meu ombro e eu o encaro.

— E aí? — Pensa num cara insistente.

— E aí que tô feliz pra caralho! — Forço o maior sorriso que ele já viu.

— Você não parece feliz pra caralho. — Lex cruza os braços ao perceber minhas encaradas na direção do Bernardo. — Na verdade, parece um adolescente enciumado. Tem algo a ver com o Bernardo?

Às vezes odeio essa nossa cumplicidade.

— Porra, Lex, não começa.

— Não tô começando nada, mas isso me preocupa. O que eu perdi dessa conversa?

— A Vivi quer ir com calma — digo o que ele quer ouvir ou ele não vai parar de falar.

— Certo. Sabe que isso não é ruim, né?

— Ah, cara... — o bufo que tento conter acaba escapando.

— Qual é o problema? Além desse.

— Nenhum. É que... — Viviane ri alto de algo que Bernardo disse e meu olhar recai sobre os dois.

— Você acha que eles ficaram. — Ele me conhece bem demais para não sacar o que estou pensando.

— Como não achar?

— É... Seria estranho se não tivessem tentado. — Ele coça a testa. — Estavam sozinhos lá e tal...

— Puta que pariu! — digo em voz alta e me viro de costas para eles, torcendo para que Viviane não tenha notado que estou bem putu. — Você tinha que me dar moral agora, cara? Se eu quisesse ouvir esse tipo de coisa, tinha ido falar com a Branca.

— É... Vamos continuar falando da Viviane, por favor — ele diz, e eu não sei se é o que ele quer. Parece que foi uma tentativa deliberada de me distrair, mas isso pode ser bom.

— O que tá pegando? — devolvo a pergunta que começou essa conversa.

— Melhor seria *quem* tá pegando...

— Cara, vocês se pegaram de novo? — Nem sei por que estou surpreso. Os dois terminaram há meses, mas não é a primeira recaída deles.

— Sim.

— Agora engata, será?

— Sei lá. A Branca e eu... De novo? — Ele parece refletir por um instante. — Pra que recomençar algo que já não deu certo?

— Tá querendo me foder hoje, né? — Solto uma risada triste. — Viviane e eu... De novo?

— Que merda. Desculpa. Tô meio aéreo — ele tenta se justificar. — E, de qualquer forma, são situações diferentes.

— Por quê? — Eu me viro de novo para o balcão e ouço um pedido do cliente.

— Porque a Branca e eu não temos a mesma carga emocional que vocês carregam — ele explica, e eu ouço calado, pegando a coqueteleira para preparar uma caipirinha de morango com saquê. — Nós dois não damos certo e eu não faço ideia da razão. Sei lá. Sabe quando tem tudo para dar certo, mas não dá? Sua situação é diferente. Você sabe por que não deu certo com a Viviane. Foram as drogas. Você tá limpo agora e vocês têm uma chance grande de fazer tudo funcionar. Eu tô bem confiante.

Lex cuida de mim desde que me lembro. Nem ligo mais de assumir isso para mim mesmo. Tem horas que é preciso admitir que precisamos de ajuda e pronto. Ninguém é uma fortaleza. Meu amigo tenta agir de uma forma meio displicente para não ficar tão na cara, mas há anos sei que minha felicidade importa tanto para ele quanto a dele próprio.

Não respondo nada. Abro a torneira e fico observando o fluxo de água. Sinto a apreensão de Lex sem precisar olhar para ele.

Olho à minha volta: bebidas, cigarro, mulheres... Estou cercado de tudo aquilo que devo evitar.

Quando Rodrigo nos propôs sociedade, Lex e eu conversamos muito. Mas, depois de tudo que passei, desisti de fugir da vida, e, se tinha que ser uma tentação diária, então que fosse. Eu superaria um dia de cada vez.

Ironicamente, não tinha sido tão difícil assim — até agora. Sinto uma vontade insuportável de beber. É irônico porque minha mudança foi motivada pela Viviane. Eu estava cansado de ser o cara que se autodestruía. Mudei por mim e por ela. Mas é justamente a presença dela que faz com que eu queira fugir de novo.

Apoio as duas mãos no balcão. Não demora muito e começo a hiperventilar e sentir meu corpo estremecer.

Lex fecha a torneira e me diz:

— Respira.

— Ah, não... De novo isso não... — Estou apavorado. Minha cabeça e estômago doem. — Lex, me tira daqui. Preciso ir pra casa antes que a Vivi perceba — digo, apesar de saber que é tarde demais.

Em questão de segundos, Lex diz algo para o barman responsável e toca minhas costas.

Rodrigo se aproxima com o semblante preocupado e percebo que em algum momento Lex deixou que ele entendesse o que estava acontecendo.

— Eu fico no bar até o movimento acalmar — Rodrigo diz, apreensivo, quando já estamos passando pela portinhola.

No momento, estou me esforçando ao máximo para não surtar e desabar no meio da balada.

Ouçõ a voz da Viviane, mas, se eu me concentrar nela, vou ser sufocado por temores que eu nem sabia que tinha.

Assim, me concentro no Lex, enquanto respirar fica cada vez mais difícil.